

**Marcus Alexandre Mendes de  
Andrade**

# **PENSE COMO UMA MULHER**

**(Parte I)**

**Perfis biográficos de Mulheres  
que marcaram o Mundo**

**2020**

*A minha mãe,  
que merecia muitas páginas neste trabalho,  
e a todas as mulheres que nunca terão alguém para escrever  
sobre sua vida e sua história.*

## INTRODUÇÃO

**Fatos que exigem posicionamento. Vidas que devem ser resgatadas. Memórias que precisam ser reverenciadas.**

A simples palavra “Feminismo” é motivo de muitas controvérsias. Por um lado, há grupos, geralmente de mulheres ou outras minorias sociais, que o tomam como um projeto social revolucionário. Por outro, surgem aqui e acolá grupos que não podem nem mesmo ouvir a pronúncia deste termo, associando-o a mulheres nuas, descabeladas e sem maquiagem. Mas, afinal, o que é o feminismo?

Feminismo é um conceito, cunhado como tal no século XIX, que se desenvolveu como um grande movimento filosófico, social e político. Inicialmente ligado à reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, em busca de valorização e direitos igualitários em relação ao homem, foi se desenvolvendo em várias perspectivas e abarcando várias interfaces do universo da mulher.

Hoje se apresenta como um movimento reflexivo de pessoas de todas as classes e condições sociais, em vista de uma transformação social que mude as condições de opressão e de violência impetradas contra as mulheres, entendidas em toda a sua riqueza e variedade sexual e de gênero.

Os dados estatísticos que aparecem a cada dia mostram que a situação das mulheres tem se tornado bem pior a cada ano. Apesar de o número de homicídio de mulheres ter diminuído nos últimos anos, os casos de feminicídio aumentaram. Em 2018, houve uma redução de homicídios de 6,7% em relação a 2017. Por outro lado, os casos de feminicídio aumentaram de 1047 para 1173 (cf. G1, 2019).

Desde o início do ano [de 2019] até o dia 03 de fevereiro pelo menos 193 mulheres foram mortas ou sofreram tentativas de assassinato por serem mulheres. Em 34 dias, 126 feminicídios foram consumados e houve outras 67 tentativas com múltiplas vítimas. Os números infelizmente não surpreendem. O Brasil segue sendo o 5º país com o maior número registrado de mortes de mulheres, sendo o primeiro da América Latina. A partir deste último levantamento se pode afirmar que a cada 4 horas uma mulher sofre uma tentativa de assassinato no Brasil. (LUCIANAGENRO, 2019).

Estar em 5º lugar num ranking tão violento deve mostrar para o Brasil que é preciso fazer algo urgentemente. Não se pode deixar passar despercebido que tantas mulheres estão sendo destruídas em sua dignidade e assassinadas pelo simples fato de serem mulheres.

É neste contexto tão triste e de tantos riscos que o feminismo se insere com mais vigor e necessidade. A luta pela valorização da mulher, por melhores condições de vida, por garantia de direitos e pela liberdade de ser senhora de seu próprio destino são pautas que não envelhecem nunca, muito menos num cenário catastrófico como o atual.

Mulheres de todos os cantos estão se organizando, mesmo que, em alguns lugares, ainda de maneira muito incipiente e tímida. Livros têm sido escritos sobre esta situação e os próprios meios de comunicação de massa começam a abordar esta questão com mais intensidade e profundidade.

O que não se pode é, de maneira alguma, admitir que tal situação continue. E como todo processo revolucionário deve começar com a parte atingida e prejudicada, as mulheres precisam realmente se mobilizar e colocar sua vida e a defesa de sua causa em pauta.

Para tanto, urge discutir o lugar e o valor da mulher na sociedade atual e na história construída. Olhar perfis biográficos que inspiram a luta atual e buscar, na prática concreta e consolidada de muitas mulheres, novos horizontes e perspectivas são propriamente os objetivos deste livro.

Ele não se trata de um estudo sistemático sobre a condição da mulher. Ao contrário, o intuito deste livro é muito simples: ser como que um álbum de fotografias, diante do qual se pode valorizar a história percorrida, dar mais sentido às lutas cotidianas, que jamais estão desvinculadas do jogo da história passada, e ainda projetar o futuro, vislumbrando uma sociedade diferente. Ao estudar perfis biográficos femininos, é de se esperar que todos se animem e se engajem ainda mais em suas convicções mais progressistas.

No início, a ideia era fazer um único livro, destacando mulheres da Antiguidade, mulheres medievais e aquelas que nasceram na Modernidade. Depois, pretendia-se pinçar aquelas que, ao longo dos últimos três séculos, se dedicaram à Filosofia e, especificamente, à discussão e militância feminista. Por fim, a ideia era apresentar alguns perfis biográficos de mulheres brasileiras, apontando sua trajetória e sua atuação no cenário nacional.

No entanto, à medida que o estudo foi sendo feito, uma encruzilhada foi se abrindo. Tornou-se, assim, impossível fazer um único livro, pois isso demandaria cortar muitas mulheres ou fazer um volume dificilmente manuseável.

Por isso, este trabalho tornou-se dois. Manteve-se o mesmo título e fez-se apenas uma pequena modificação no subtítulo. No primeiro volume, bem mais amplo no que se refere aos temas, os perfis biográficos são apresentados desde a Antiguidade até os dias presentes, excetuando-se as mulheres brasileiras e aquelas que,

mesmo nascendo em outro país, tiveram uma atuação decisiva na história do Brasil.

No segundo volume, mais específico, mas não menor do que o primeiro, são elencadas as mulheres do Brasil, desde os tempos coloniais até os dias atuais, na tentativa de apresentar alguns aspectos importantes de sua vida e sua contribuição específica para a história nacional.

Em ambos os volumes, procurou-se colocar uma foto de praticamente todas as mulheres. Com isso, pretende-se criar uma afetividade visual e uma proximidade familiar entre o leitor e aquelas que são o tema específico deste estudo. É mais um recurso para que, ao conhecer a vida e a obra de tantas mulheres, o leitor possa sentir-se mais próximo delas e, quem sabe, elevar sua própria vida ao nível de vida exemplar de tantas mulheres admiráveis.

Por fim, cabe um desabafo. Quem dera também ser possível fazer uma história da periferia, elencando, junto às rainhas, suas mucamas; junto às senhoras da elite, também suas auxiliares imediatas, que possibilitaram àquelas uma liberdade maior para seu engajamento feminista.

No entanto, na impossibilidade de tal feito, este estudo, mesmo com todas as suas limitações, inclusive a de ser escrito por um homem, sobretudo pretende contribuir para um mundo novo e renovado, “em que sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres” (Rosa Luxemburgo apud PENSADOR, 2019).

## CAPÍTULO I

### MULHERES PRECURSORAS

Neste primeiro capítulo, a intenção é abordar a vida e a história de algumas mulheres que foram verdadeiras precursoras da reflexão feminista. Dificilmente se poderia dizer que, antes do século XVIII-XIX, alguma mulher foi propriamente feminista, como hoje se entende este termo. Por isso, busca-se aqui uma aproximação à história destas mulheres, tomando-as como precursoras do feminismo, ou seja, mulheres cuja vida e obra resgataram o papel do feminino no mundo e, assim, inovaram a visão da humanidade a respeito da mulher, permitindo aos pósteres, especialmente às próprias mulheres, reinterpretarem a si mesmas e ao seu mundo.

#### 1.1. Mulheres da Antiguidade

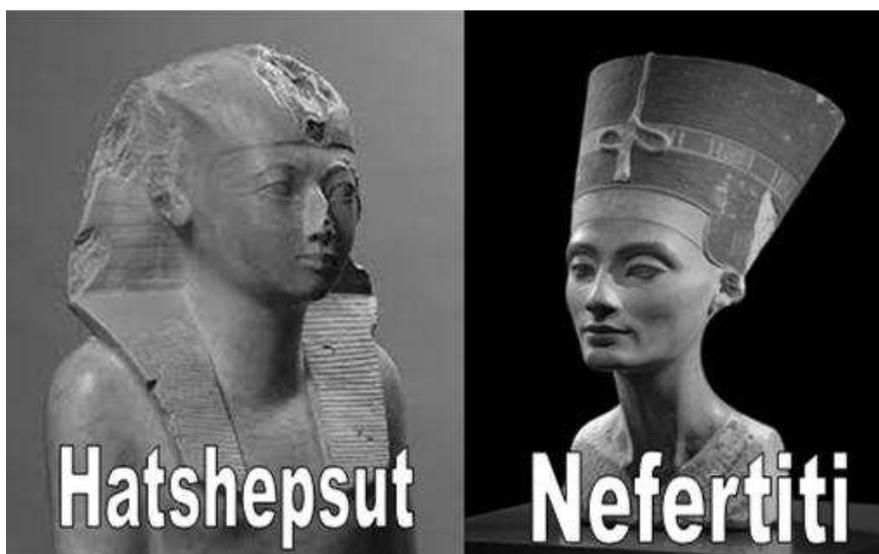
No mundo antigo, as mulheres tiveram um papel muito especial. Algumas, no entanto, foram para além do que era esperado delas. Marcaram seu tempo e passaram para a história. Não se pode deixar de lembrá-las neste estudo, olhando suas ações como quebra de paradigmas e como possibilidade de libertação para aquelas que sempre foram reclusas ao ambiente doméstico.

O Egito Antigo, em especial, foi cenário de mulheres que merecem ser destacadas. Uma delas é **Hatshepsut** (séc. XVaEC), filha de Tutmés I, da XVIII dinastia dos Faraós, que governou o Egito por 22 anos, proporcionando-lhe grande desenvolvimento econômico e relativa paz. Em seu governo, o Egito pôde fazer várias negociações, evitando muitas guerras, e foi enriquecido com grandes construções.

Como sua posição era inédita – uma mulher jamais havia governado o país – a Faraó decidiu não se apresentar como as rainhas. No lugar das vestes femininas, ela vestia trajes reais masculinos e até portava uma barba postiça. O recado estava dado: Hatshepsut queria ser tão importante e respeitada como os homens faraós do passado. (DESCOBRIREGIPTO, 2019a).

Após a morte de seu pai, o Faraó Tutmés I, ela se casou, conforme costume do tempo, com seu meio-irmão Tutmés II. Após ficar viúva, o trono passou a seu sobrinho-enteado, Tutmés III. No entanto, por ele ser ainda muito jovem, Hatshepsut assumiu o poder como regente. Para garantir sua permanência no poder, enviou o jovem Tutmés para o templo de Amon, deixando-o afastado da vista dos egípcios e da sede do poder.

O plano de Hatshepsut deu muito certo. Alegando ser descendente da linhagem de Tutmés, estabeleceu seu domínio em toda região egípcia, enviou expedições para a costa africana, no Mar Vermelho, em busca de ouro, marfim, peles e outros itens necessários para o Egito, e conteve o desejo de seu sobrinho pelo trono, garantindo a si mesma a obediência do exército, o que era de suma importância para assegurar sua permanência no poder.



Outra importante mulher no Egito foi **Nefertiti** (séc. XIVaEC), que foi casada com Amenhotep IV, mais tarde conhecido como Akhenaton, da XVIII dinastia. A importância de Nefertiti é comprovada pela análise de suas esculturas.

No começo, nas imagens que foram gravadas nos templos de Amarna, ou seja, a cidade de Akhetaton fundada pelo rei Akhenaton, as imagens de Nefertiti eram bem menores que as de Akhenaton. Com o passar dos anos, gradativamente, as imagens de Nefertiti vão ficando maiores até alcançar o mesmo tamanho das imagens de Akhenaton. Esse crescimento indicaria que, ao longo dos anos, seu poder e status foram aumentando. Uma das principais razões para isso ter acontecido foi a criação de uma nova religião no Egito. (DESCOBRIREGIPTO, 2019b).

Durante o reinado do casal, o Egito viveu um tempo de prosperidade econômica, graças às muitas relações comerciais estabelecidas com a região da Mesopotâmia e da Ásia Menor e à experiência do monoteísmo. Akhenaton e Nefertiti impuseram sobre todo o reino a adoração de um único deus, Aton, e se outorgaram o privilégio de serem os únicos representantes da divindade e quem poderia prestar-lhe o verdadeiro culto.

Nesta nova religião, todos os deuses foram substituídos pela adoração de Aton. Subsistiram apenas a figura do rei, tornado grande sacerdote, e da própria divindade. Com efeito, os cultos passaram a se direcionar à família real, já que era ela a responsável pela mediação com o divino. Tal atitude teve uma motivação política muito clara: era preciso fortalecer o poder do Faraó num ambiente em que os sacerdotes tinham muita autoridade sobre o povo.

Tendo reinado vários anos junto com seu marido, após ficar viúva, Nefertiti assumiu sozinha o trono egípcio. Isso também pode

ser comprovado por suas representações, nas quais ela aparece com coroa e bastão.

“Nefertiti contava com grande empatia e carisma entre a população, dando alguma popularidade ao culto de Aton, combatido pelos poderosos sacerdotes egípcios, que preferiam os deuses tradicionais”, afirma a historiadora Deborah Vess, da Universidade de Geórgia, nos Estados Unidos. “Sua beleza, combinada com o poder que ela adquiriu, tornou-a uma das mulheres mais importantes da história”, diz. As outras rainhas foram simplesmente rainhas. Nefertiti não: ela virou uma deusa encarnada. (NEFERTITIGO, 2019).

Pelo século VIIaEC, em Mitilene, na ilha de Lesbos, nasceu **Safo**, que se destacou por sua poesia e seu estilo de vida, sendo imitada por poetas gregos e romanos.

Apesar dessa dimensão, quase nada se sabe sobre quem foi Safo. Provavelmente nasceu no século 7 a.C em Mitilene, capital da Ilha de Lesbos, próxima à costa da Ásia Menor. A palavra lésbica, anacrônica para se referir à Safo, tem raízes na ilha em que a poeta nasceu. Mantinha uma escola só para mulheres, na qual as professoras eram amantes das alunas, à maneira da tradicional pederastia masculina ateniense. Compunha seus versos celebrando o amor homoerótico entre mulheres, no contexto ritualístico e performático dessa escola. (POMPERMAIER, 2019).

Sua obra foi bem extensa e mereceu um trabalho de compilação no século IIIaEC, pelos mestres da Biblioteca de Alexandria. Suas poesias foram feitas para serem cantadas ao som da lira e muitas delas cantavam louvores ao amor homossexual feminino.

Safo é, realmente, uma figura marcante. Tão marcante que a palavra “lésbica” tem sua origem no nome da ilha de seu nascimento. Mas não só por isso Safo marcou a história. Sua marca